

## **DIÁLOGOS ENTRE O MUCIN E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO LITORAL NORTE DO RS 2019**

### **Área Temática**

Cultura; Meio Ambiente

### **Coordenador da atividade:**

ALINE PORTELLA FERNANDES

### **Coordenador Substituto:**

LUCAS MORATES

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

**Autores: ALINE PORTELLA FERNANDES; LUCAS MORATES**

**ANA CRISTINA ROSA; JAISON FURUSAWA KEHWALD**

### **Resumo**

Um museu precisa conhecer e envolver as comunidades do seu entorno para compreendê-las e fazer com que sua atuação tenha sentido. Sendo o Litoral Norte do RS uma região com diversidade de comunidades étnicas, nossa proposta é estabelecer diálogo com elas. Dando continuidade ao trabalho já realizado em 2018 pretendemos continuar as trocas com a aldeia M'bya Guarani de Torres. Estão sendo realizadas visitas sistemáticas à comunidade para trocas e construção de conhecimento. Os resultados parciais indicam um envolvimento produtivo entre a equipe do Museu e a comunidade que já rende alguns frutos como a colocação de legendas em guarani na exposição de longa duração do Museu e a oportunidade de as crianças da escola da comunidade terem contato com os animais marinhos, algo não rotineiro em suas vidas. Ao final do projeto, pretendemos organizar material gráfico bilíngue em português e guarani para entregarmos a eles e podermos utilizar também em nossas atividades.

**Palavra-chave:** Patrimônio cultural; Museu de Ciências; Educação Ambiental.

### **Introdução**

Um museu precisa conhecer e envolver as comunidades do seu entorno para compreendê-las e fazer com que sua atuação tenha sentido. Sendo o Litoral Norte do RS

uma região com diversidade de comunidades étnicas, nossa proposta é estabelecer diálogo com elas. A missão do Museu é: Promover a valorização do patrimônio natural e cultural, com ênfase no litoral do Rio Grande do Sul, de modo a sensibilizar a sociedade para sua sustentabilidade e qualidade de vida, bem como para a preservação da biodiversidade, a partir da exposição de seu acervo e de um programa de ações educativas. Sendo assim, entendemos que a sustentabilidade perpassa de forma bastante considerável por questões culturais, de forma que, antes de tentar impor o discurso do Museu, é necessário compreender as problemáticas, costumes e necessidades da comunidade para, juntos, delinear os caminhos para uma vida mais sustentável.

Essa é nossa busca também nas mediações realizadas com escolas, por meio das exposições, porém é necessário sair do Museu e buscar diálogo com pessoas que estão próximas, mas que não utilizam esse espaço para realizar discussões e reflexões. Dando continuidade ao trabalho já realizado em 2018 pretendemos continuar as trocas com a aldeia M'bya Guarani de Torres. Ao final do projeto e das visitas pretendemos gerar uma publicação bilíngue – em português e guarani – com a reunião de imagens e textos que contem a história e os costumes da comunidade.

Com este projeto de extensão temos os objetivos de estabelecer diálogo com as comunidades do entorno, tanto para conhecê-las quanto para compartilhar com elas o conhecimento produzido a partir do acervo e exposições do Museu de Ciências Naturais - MUCIN (UFRGS/CECLIMAR); discutir questões culturais e ambientais com as comunidades a partir de sua cultura; divulgar o acervo científico do Museu vinculando-o à cultura de cada comunidade, a fim de dialogar sobre o desenvolvimento sustentável do litoral norte e conhecer as comunidades para poder inseri-las como parte da cultura a ser divulgada nas exposições e outras atividades do Museu.

O Museu de Ciências Naturais da UFRGS/CECLIMAR, localizado em Imbé, Litoral Norte do Rio Grande do Sul, entre uma pequena área preservada de resquícios de Mata Atlântica e a laguna de Tramandaí, aborda atualmente, em sua exposição de longa duração, o Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Sendo assim, é necessário considerar todos os fatores que influenciam nesse ambiente, incluindo fatores culturais que, na verdade, são os que mais causam impacto e transformam a paisagem.

Existem no litoral norte do RS diversos grupos ou comunidades com diferentes heranças étnicas e culturais, que foi povoado por africanos, portugueses, alemães, italianos, japoneses, além de povos originários que já habitavam a região há anos. As práticas culturais de cada grupo acabam influenciando a maneira como vivem e como produzem,

sendo que, agricultores, pescadores e artesãos habitantes da região apresentam diferenças entre si na forma como manejam a terra e como extraem os produtos do meio. Entender esses grupos e trazê-los para discussão sobre o desenvolvimento sustentável da região se mostra imprescindível para o cumprimento da missão do Museu.

Uma destas comunidades, descendente dos povos guaranis, vem resistindo há séculos desde as invasões exploratórias coloniais européias em seu território, sofrendo com as influências e imposições da sociedade dominante, destinados hoje, a viver em áreas demarcadas e adquiridas pelo poder público e tentam de alguma forma proteger a sua cultura. Segundo Roberto Liebgott, nos “pequenos espaços de terras que lhe restaram, eles vivenciam sua cultura, suas crenças, suas línguas e tradições, em íntima relação com o sagrado” (LIEBGOTT, 2010, p.9). As atividades na terra, de onde são tirados os recursos para sua sobrevivência, como a agricultura, caça e artesanato, são de primordial importância à aldeia, pois constituem-se em ambientes habituais de seus antepassados.

No projeto, têm sido realizadas visitas a comunidade Tekoá Guapo'ý Porã, conhecida pelos não-indígenas como Aldeia Guarani de Torres, localizada no Km 7 da BR 101, em uma área de 94 hectares. Vivem neste território 108 pessoas que, hoje, possuem água encanada, luz elétrica e uma Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental (Escola Pública Estadual), cuja estrutura também serve como posto de saúde. É importante frisar que a realidade desta aldeia Guarani, não representa uma uniformidade.

### **Metodologia**

A metodologia do projeto consiste em realizar visitas periódicas à aldeia M'bya Guarani na localidade de Campo Bonito, para atividades com base no “trabalho colaborativo” entre os profissionais e estudantes que trabalham no Museu e os M'bya Guarani. O objetivo das visitas é passar por vivências com a cultura dentro da aldeia, tentando compreender como se relacionam entre si e com pessoas de fora da comunidade, assim como proporcionar contato com o acervo científico do Museu. Oportunamente e quando houverem condições, a comunidade deverá visitar o Museu também.

### **Desenvolvimento e processos avaliativos**

No ano de 2018 foram realizadas visitas em que aconteceu o primeiro contato, inicialmente por meio do professor responsável pela Escola. Levamos algumas peças do

nosso acervo, especializado em fauna marinha e costeira, e algumas publicações que falavam sobre o Litoral Norte. Para as crianças esse contato foi bastante curioso, tanto pelo acervo, em 3D, quanto pelas imagens que os livros apresentavam. Nestes primeiros encontros houve também a questão da vivência e, também, do choque cultural, em que começamos a conhecer sobre as crenças e costumes da comunidade. A partir de determinado momento, foi preciso que o cacique desse seu aval para que continuássemos realizando as visitas. Para tanto, foi necessário explicar-lhe o que seria feito e ele conversou com cada família da comunidade.

Já em 2019 continuamos fazendo as visitas e aprendendo sempre novos aspectos sobre a cultura guarani. Em uma delas levamos alguns nomes e imagens de animais que temos em nossa exposição de longa duração para que nos dissessem como chamá-los em guarani. Como exemplo, o tucano que em guarani chama “Tukã” e gambá que fica “Mykure”. Para os animais marinhos não há correspondência em guarani, demonstrando que eles não têm contato com esse tipo de fauna. Se relacionam muito mais com os bichos de Mata Atlântica. Estes encontros têm sido gravados e fotografados, com o aval da comunidade e do cacique e vai compor o material gráfico que queremos produzir até o fim do projeto. Após essa atividade providenciamos a legenda do diorama sobre a Mata Atlântica, que fica em nossa exposição, com todos os nomes em português e guarani. A ideia é traduzir todas as legendas da exposição para o guarani ao longo do ano.

Ao trazermos a língua guarani para dentro do Museu e ao produzirmos material gráfico que nos permitirá difundir e falar sobre sua cultura com outras comunidades, pretendemos dar visibilidade e espaço para que as questões que os afetam sejam discutidas em uma sociedade que tem por hábito excluí-los dos espaços e debates, incluindo aí o próprio espaço necessário para sua sobrevivência ao qual, historicamente, eles têm direito.

Em relação ao projeto como um todo, o vemos como uma oportunidade de divulgar as diferentes culturas que compõem o Litoral Norte do Rio Grande do Sul e colaborar para construir conhecimento acerca das comunidades que vivem na região. É um espaço de troca e diálogo, onde a Universidade oferece o resultado de suas pesquisas e recebe de volta um conhecimento tradicional que precisa ser visibilizado para realmente conhecermos nosso espaço e valorizarmos o lugar onde vivemos.

Como resultados parciais de um projeto em andamento com a aldeia Nhu Porã, relatamos a importância de criarmos um espaço para que falem por si próprios, proporcionando a aceitação, por parte da sociedade em geral, dos seus conhecimentos como legítimos. É preciso desconstruir representações anteriores, estereotipadas e

anacrônicas, para acabar com a imagem de um “outro” – exótico e a-histórico. O Museu tem a pretensão de servir como ferramenta de empoderamento e autoderterminação dos Guaranis. O produto final de nossa jornada com essa comunidade será a construção de um livro bilíngue sobre o ÑANDE REKO ARANDU (memória viva guarani), ajudando a preservá-la e divulgá-la, tentando quebrar a barreira do preconceito e da falta de empatia.

Como forma de avaliação do trabalho, fazemos reuniões entre a equipe para discutir aspectos que foram observados nas visitas e planejarmos as próximas ações, sempre tendo o cuidado de respeitar a dinâmica da comunidade e saber recuar naqueles momentos em que eles não estão disponíveis. Isso demanda, às vezes, saber lidar de uma forma diferente com o tempo que, na sociedade dos juruá (brancos) é sempre tratado de forma urgente.

### **Considerações Finais**

O projeto de extensão Diálogos entre o MUCIN e comunidades do Litoral Norte do RS pretende dar sua contribuição na difusão do conhecimento científico produzido na Universidade, sempre valorizando o conhecimento popular e tradicional. Entendemos que não somente o modo de vida destas comunidades, mas o conhecimento científico também é cultural e eles precisam estar em diálogo para que o campo acadêmico faça sentido na sociedade. Criando espaços de discussão e trocas e valorizando o patrimônio cultural e ambiental da região, é possível reconhecer e exaltar identidades e fazer com que haja compreensão e trocas entre as distintas populações que habitam o Litoral Norte. Por outro lado, todo esse conhecimento gerado e construído nos dará subsídios para as atividades educativas e para as exposições do MUCIN.

### **Referências**

LIEBGOTT, Roberto Antonio. Os guarani e a luta pela terra. In: Comissão de Cidadania e Direitos Humanos/Assembleia Legislativa do Rio grande do Sul (Org.). **Coletivos Guarani no Rio Grande do Sul: Territorialidade, Etnicidade, Sobreposições e Direitos Específicos**. Porto Alegre: ALRS/CCDH, 2010. p. 5-10.